



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**INIMIGOS DO SENTINELA DA LIBERDADE: AS MUDANÇAS E
ALTERAÇÕES NAS ADAPTAÇÕES DO CAPITÃO AMÉRICA DAS
HQ PARA O CINEMA**

Edson Wilson Mendes de Almeida*

*Nothing is impossible
Nothing is unreachable*

Samael - Telepath

Histórias em quadrinhos e cinema são artes surgidas ao final do século XIX, inicialmente com propósitos diferenciados, mas no início do século XX as duas artes estavam unidas no propósito de entreter o público. Não existe apenas uma diferença entre elas, assim como não existe apenas uma semelhança. Ao pensar em cinema e quadrinhos, a maior união é a semiótica, o estudo dos signos e seus significados procura estudar as duas mídias “Qualquer prática significante abarca significados que, em última análise, são expressivos” (Cirne, 2001); alguns autores ao projetar seus filmes, procuram fazer uso de storyboards, ao qual se faz uso das histórias em quadrinhos para idealizar cenas, falas e cenários; As duas mídias pertencem a cultura de massa, ao qual não estão alocadas para um determinado grupo social, mas sim a todos, devido a sua abrangência e alcance; mas inevitavelmente a união de quadrinhos e cinema se faz em seu cerne mais fundamental, a narrativa. São duas formas dependentes da narrativa, “A narrativa, nos

* Graduado em História pela UEG – Unidade Formosa em 2005; Pós-Graduado em História Cultural pela UEG – Unidade Formosa em 2006. prof.edson.wilson@hotmail.com

dois, pressupõe uma continuidade que é enfrentada diferentemente, segundo suas técnicas específicas e seus projetos semióticos” (Cirne, 2001). Seja em cinema mudo ou em um quadrinho sem falas, a continuidade concede o poder de se contar uma história, um fato. Os quadrinhos só o são entendidos como tal, quando temos dois ou mais quadros com sentido de continuidade.

Porém ao pensar quadrinhos e cinema, não devemos nos esquecer das limitações das duas formas. Eisner nos apresenta a primeira limitação, no cinema, o espectador não possui controle sobre a obra que está a sua frente, ele é conduzido em uma narrativa estabelecida pelo diretor ou produtores, não se pode parar e analisar um detalhe vale lembrar que para o espectador ter este poder se faz necessário estar em outro ambiente que um cinema ou exibição pública. O leitor de quadrinhos tem o controle da obra, ele dita o ritmo de leitura, podendo parar, acelerar, pesquisar e analisar o que esta vendo.

Os quadrinhos possuem uma característica que o cinema também pode copiar, mas não de forma integral, o corte entre os quadros, também conhecido como sarjeta. Sem o corte, não temos quadrinhos no sentido moderno, ao olharmos para Coluna de Trajano, para uma parede dos povos maia ou egípcios ou ainda para a Tapeçaria de Bayeux, o que temos é uma narrativa sem cortes, sem o espaço onde o leitor pode preencher com sua imaginação, movimentação. Este espaço tão fundamental pode ser copiado no cinema, porém de outra forma, um corte de cena, mas não tem como ser feito de forma tão precisa como nos quadrinhos.

Ao falar de adaptação, se faz necessário notar estas limitações e estruturas de cada mídia. Querer ver cenas semelhantes, sem alterações é de uma inocência e, por que não afirmar, ignorância, muito repetida em várias colocações. Este artigo não procura analisar as obras como sendo uma obrigação dos autores de serem fiéis nestas transportações de uma mídia para outra. A intenção é analisar o que foi alterado e, se possível procurar um motivo para as alterações. O leitor de quadrinhos pode ser um cinéfilo, mas nem todo cinéfilo é um leitor de quadrinhos. O alcance de um filme, nestes tempos modernos de tecnologia que derruba fronteiras e coloca uma obra sob os olhos de diferentes mentes e linguagens ainda supera a mídia dos quadrinhos.

“1939

Em março, a Alemanha toma a Tchecoslováquia, enquanto, em abril, Nova Iorque abre a Feira Mundial; em setembro, a Inglaterra e a França declaram guerra contra o nazismo, quando a Polônia é invadida pela Alemanha e União Soviética: a Henkel usa para a invasão, pela primeira

vez, aviões a jato. Zworykin, um russo radicado nos Estados Unidos (ele já havia descoberto o tubo eletrônico que deu nascimento à tevê), fez o microscópio eletrônico, enquanto o Oscar é entregue ao filme “E o vento levou”; Disney faz o seu desenho animado “O Patinho Feio” e Robert Donat ganha o Oscar como melhor ator em “Adeus, Mrs Chips”; Judi Garland canta “Over the Rainbow”, em o “Mago de Oz”, e Spencer Tracy, no coração da África, como repórter Stanley, estende a mão com a frase “Mr. Livigstone, presumo”. A Itália ainda está inebriada com Mussoline e com o campeonato mundial de futebol, conquistado no ano anterior. Bob Kane cria Batman, aguardando a vinda do Robin, em 40. Tabaco Road, de Erskine Cadwell, batia recordes de permanência na Broadway. Hemingway, na sua máquina de escrever, narra sua experiência na Guerra Civil Espanhola, terminada em 1939, preparando “Por quem os sinos dobram?”; F. Scott Fitzgerald, no álcool, acelerava seu fim, em 1940. Os Estados Unidos tinham um censo que revelaria uma população de 131.669.275 habitantes, sem tevê ainda. Na Alemanha, 125 morrem num desastre de trem, enquanto na Inglaterra um submarino afunda com noventa e nove pessoas. Joe Lois era campeão mundial de boxes. A rádio nacional estraçalhava o Rio de Janeiro em Pleno Estado Novo de Getúlio Vargas” (Moya, 1986)

A figura central da Segunda Guerra Mundial é o líder alemão Adolf Hitler, seu desejo de conquista e dominação manteve o evento como sendo seu. Segundo Aquino, a fraqueza dos líderes mundiais em segurar o ímpeto nazista na hora certa, conduziu o mundo a uma guerra inevitável. Propriamente o conflito bélico tem início com a invasão da Alemanha na Polônia e, 01 de setembro de 1939. A sequência de ataques e invasões alcançam Dinamarca, Noruega, Países Baixos, Bélgica e França, neste caso, metade do reino franco, ficou sob o comando dos nazistas, e a outra parte da resistência. Enquanto a França estava sendo dividida, os ingleses sobreviveram ao ataque constante dos aviões alemães. A União Soviética conquistava a Finlândia, devido ao tratado firmado entre os ministros do exterior da União Soviética, Vyacheslav Molotov e o ministro do exterior da Alemanha Joachim von Ribbentrop de não agressão. Atravessando o Atlântico, Hobsbawn categoricamente afirma que a política local impedia o Presidente Roosevelt de agir mais apaixonadamente, sendo obrigado a se limitar a ajuda burocrática e mantendo a neutralidade. Esta prática foi por terra, no início de dezembro de 1941, quando a base Pearl Harbor foi atacada por aviões do império japonês. A guerra se tornou total, mundial.

Num esforço de converter, mais uma vez, cidadão em soldados, o governo estadunidense faz uso das artes e mídias para incentivar, não apenas para o alistamento, mas também para o auxílio nas fábricas ou de ajuda financeira, com a compra de créditos de guerra. O cinema, a música, o teatro e as histórias em quadrinhos aceitam a proposta

e desafio, tendo as grandes corporações ativas na propaganda em prol de combater o inimigo. Mais de 15 milhões de homens e mulheres foram mobilizados pelas forças armadas e milhões de pessoas, incluindo donas de casa, novamente, pois na Primeira Grande Guerra elas deixaram suas cozinhas e se encaminharam as fábricas. Nesta busca desesperada de novos candidatos, as revistas em quadrinhos aceitaram o chamado, tendo artistas e personagens envolvidos no conflito. Will Eisner foi convocado, colocando sua arte a disposição do exército. No campo ficcional das comics a luta entre Namor e Tocha Humana, (*Human Torch*, no original) é deixada de lado, para enfrentar um inimigo real, o nazismo.

O personagem Capitão América (*Captain America*, no original), foi desenvolvido inicialmente por Joe Simon, para cobrir outras criações que não haviam dado certo para o editor Martin Goodman da Timely, para lutar na Segunda Guerra Mundial, assim como outros personagens que apareciam naquele momento, a forma como imaginou o personagem é narrada por ele:

“Passei a noite inteira rabiscando (...) Camisa cota de malha, músculos protuberantes no peito e no braço, roupa colante, luvas e botas com aba dobrada embaixo do joelho. Desenhei uma estrela no peito, faixas que iam do cinto até uma linha sob a estrela, e colori o uniforme de vermelho, branco e azul. Acrescentei um escudo” (Simon, 2013.)

Seus inimigos não seriam os meliantes costumeiros que se encontrava nas revistas de Super-Homem, (*Superman*, no original) ou Batman, ou em qualquer outra revista de outras editoras. Um personagem sem poderes, mas com um físico desenvolvido graças ao avanço da ciência, o Dr. Josef Reinstein, posteriormente o nome foi alterado para Dr. Abraham Erskine, bioquímico e físico alemão, desenvolverá um soro que possibilitaria uma pessoa franzina ganhar massa muscular, se tornando um super-soldado. Por não ser invulnerável como Super-Homem, o personagem ganharia um escudo para proteger-se, mas não teria arma, deveria utilizar apenas suas habilidades combativas de soldado para atingir seus inimigos.

“Abrimos aqui um parêntese para analisar esta arma do capitão. É estranho que um herói tão agressivo tenha escolhido para si um instrumento defensivo. Talvez queira ele, através do escudo, insinuar simbolicamente que só ataca para se defender. Esta imagem pode parecer paradoxal, mas de certa maneira sintetiza todas as desculpas e tomadas de posição da política internacional americana frente aos conflitos em que participa” (Jô Soares, 1977)

Como era comum em outros personagens, a participação de um ajudante mirim se fazia presente na edição, o adolescente Bucky, tido como mascote do quartel. A estrutura do personagem não fugia o que se tinha até então, ciência, herói destemido, o escudo também não chamará atenção, visto que o personagem da MLJ Magazines, The Shield, vendia bem. Como já dito acima, diferente da National Allied Publication, posteriormente mudaria seu nome para DC Comics, a Timely já se preocupava em colocar seus heróis enfrentando inimigos reais, o nazismo. O artista escolhido por Simon para desenhar o Capitão foi seu sócio de freelancer, um jovem hábil, veloz, vindo dos cortiços da Zona leste, como tinha que botar o pão na mesa dos pais e do irmão mais novo, queria ganhar tudo que fosse possível, Jacob Kurtzberg, que viria a assinar com o pseudônimo de Jack Kirby, para dar vivacidade e mobilidade a sua criação. A primeira capa do Capitão América é emblemática, o líder alemão recebendo um soco do musculo heróis recém-criado feita por Kirby, a mensagem era clara: o Capitão América deveria pôr um fim ao Terceiro Reich. O diferencial estava no traço de Kirby, colocando ação e emoção à história do jovem Steve Rogers. A revista vendeu bem e ganhou o gosto do público que procurava algo diferenciado, o Capitão mantinha os custos da Timely sozinho, as aventuras criadas por Simon e Kirby eram um sucesso. As tiragens chegaram a números astronômicos para a época, as vendas cresceram em ritmo frenético, onde soldados estrangeiros compravam nas bancas dos quarteis.

Em 1943, a Republic Pictures conseguiu os direitos para levar o Capitão América para uma série de televisão, indo ao ar em 1944, ao qual foram produzidas quinze capítulos, e tendo o ator o Dick Purcell, no papel principal, porém seu físico chamava atenção, por estar acima do peso. O enredo da série se prendia ao assassinato de algumas pessoas da alta sociedade e apareciam com um escaravelho vermelho nas mãos, e aparentemente não havia ligação entre elas. Logo no primeiro episódio o público é informado de quem seria o vilão e suas intenções, Escaravelho (*Scarab*, no original), sedento de vingança por ter sido excluído em uma expedição arqueológica. A polícia tem na figura do Capitão um aliado, ao qual pode contar pra solucionar casos misteriosos. O personagem que se virá nas telas era diferente do personagem dos quadrinhos. A produtora afirmou tempos depois que o release recebido da Timely não afirmava a presença do nome do personagem, um parceiro, soro do super-soldado, da existência de um escudo ou de uma arma e seus inimigos nazistas, sendo assim as modificações se tornaram gritantes. As modificações realizadas distanciam o Capitão América em vários

sentidos, a começar pela identidade secreta e profissão do personagem, não tínhamos o jovem Steve Rodgers, mas sim o promotor de justiça Grant Gardner; não se há menção a pesquisa do soro do super-soldado; o inimigo não tem nenhuma ligação com o nazismo; o parceiro mirim Bucky é substituído pela secretária e par romântico de Grant Gardner, Gail Richards, interpretada por Lorna Gray; o traje do Capitão América sofreu alterações, umas técnicas e necessárias, como a tonalidade do uniforme, que passa a ser na verdade, cinza, azul escuro e branco, por conta do programa ser preto e branco, porém outras sem explicação aparente, como a perda das asas e as botas com abas dobradas foram substituídas por sapatos altos, a cota de malha se tornou pano normal e por fim a mudança do escudo que é retirado e substituído por uma arma comum. A série obteve um sucesso considerável, apesar das modificações realizadas, a Timely ficou descontente com as alterações realizadas e não renovou o contrato.

Com o fim da Segunda Guerra os super-heróis não conseguem manter o nível de vendas, alguns são cancelados ou modificados, este é considerado o fim da Era de Ouro dos quadrinhos. Com o Capitão América, algumas mudanças foram feitas por seus editores, no caso era o primo de Goodman, Stanley Lieber, ordenou que Bucky levasse um tiro, “não gosto destes ajudantes mirim,” afirmaria ele posteriormente. Em 1949, a revista do Capitão mudaria de nome para: Contos macabros do Capitão América (*Captain America's Weird Tales*, no original), onde o personagem não aparecia, o destino de Namor e Tocha Humana seria o desaparecimento. A Timely perdeu seu personagem mais rentável e, por conseguinte, muitos funcionários. Durante os anos de 1950, com o sucesso das Aventuras do Super-Homem na televisão, o Capitão voltaria, mas agora para enfrentar comunistas ao lado de Namor e Tocha Humana, mas sem sucesso.

A DC Comics começou uma reformulação de sua linha de heróis, atuando de uma forma diferente da tentativa de Goodman. Com o editor Julius Schwartz a frente, o primeiro personagem a sofrer a transformação foi o corredor escarlate, Flash, em outubro de 1956. Deixara para trás o personagem da Era de Ouro, a proposta seria criar um novo personagem, mas atual sem ligações com o anterior. Assim nascia a Era de Prata dos quadrinhos de super-heróis. A quantidade de seres que pularam aos olhos dos leitores se multiplicava em sentido vertiginoso e as editoras trabalhavam em ritmo igual para manter as jovens mentes abastecidas. As revistas não estavam presentes apenas nas mãos de crianças, mas também acompanhado jovens nas universidades.

A Timely mudou o nome para Atlas e nos anos de 1960 atendia por Marvel Comics, tendo Goodman como dono e seu principal editor era seu primo, Stanley Lieber, que atendia agora por Stan Lee. Aos poucos a trindade da Timely retornara, tendo o Tocha Humana, único reestruturado para os novos tempos, ao lado do Quarteto Fantástico e posteriormente o Príncipe Submarino Namor, mas faltava a grande estrela da Segunda Guerra, Steve Rodgers. Talvez os problemas fossem grandes e complicados para este retorno. O período em que o personagem apareceu estava ocorrendo uma guerra de sentido claros e objetivos distintos, o Eixo era o mal, os Aliados, os mocinhos. O patriotismo existente pulsava em cada soco do Capitão nos nazistas. Mas os tempos haviam mudado, uma guerra se anunciara no horizonte, em terras distantes sem um propósito tão claro quanto anteriormente. Entretanto uma morte mudou tudo.

No dia 22 de novembro de 1964, em Dallas, Texas, o presidente John F. Kennedy foi assassinado. A notícia cobriu os Estados Unidos como um relâmpago de leste a oeste, televisão e rádio eram ligados para que espectadores e ouvintes estupefatos e chocados acreditassem no que estava acontecendo, o trigésimo-quinto presidente havia sido alvejado e estava morto. Enquanto todos da Marvel estavam a procurar um chão para o ocorrido, Stan Lee estava sentado em seu escritório escrevendo uma história em quadrinhos, a volta do Capitão América, a santíssima trindade da Marvel estava completa.

Algumas alterações feitas na cronologia da Marvel neste momento são fundamentais para entender o personagem. Foi-se ignorado as aventuras pós-guerra e deu-se uma nova aventura para o sumiço de Rodgers por quase vinte anos. Um teria subido em um míssil que havia explodido e ele teria ficado congelado todo este tempo, em animação suspensa, não envelhecendo. O objetivo seria trazer um personagem anacrônico, em alguns momentos melancólico, perdido no tempo, culpado pela morte de seu parceiro Bucky, com saudades de um tempo mais simples, mas nem todos os leitores de quadrinhos eram crianças que não sabia nada da origem e das aventuras do personagem anteriormente, um brasileiro fazia o seguinte questionamento sobre as próximas aventuras do Capitão:

“Feita esta análise, torna-se de imediato óbvia a razão pela qual, numa época de liberalismo tipo Kennedy, tal herói tenha caído no ostracismo e resolvido passar por um longo período de hibernação. Agora, passados muitos anos, eis que o moderno deus da guerra volta a brandir seu escudo estrelado. (...) Terá a sua reparição alguma coisa a ver com a participação dos EUA no Vietnã? Não sabemos. Por enquanto o Capitão limita-se a narrar suas aventuras passadas. O que pode ser uma verdadeira advertência aos guerrilheiros vietcongs. Que rumo tomaria

a crise no sudeste asiático com a participação ativa do Capitão América? É provável que a longa hibernação tenha retardado ligeiramente seus reflexos mas isto é fenômeno de fácil recuperação” (Jô Soares, 1977)

A solução dos editores e artistas foi deixar o personagem longe de uma guerra cinzenta, e mais próximo nos seus dias de glória, no já distante preto e branco da Segunda Guerra, ao qual o Capitão havia surgido. Quando as histórias eram relacionadas com o tempo presente, de 1960, a melancolia e o anacronismo eram o ponto central da narrativa usada. Aos poucos, Steve Rodgers passou a ser influenciado pelos pensamentos e vertentes do Flower Power dos anos 1960 e questiona o período em que ficou no exército lutando contra nazistas. Algumas vezes lutando sozinho, outras vezes acompanhado de parceiros, como Rick Jones ou o Falcão (*Falcon*, no original), primeiro herói afro-americano, o personagem enfrentará seus inimigos, agora neonazista, as aventuras nos anos de 1970, se passará mais no presente. Os vilões do Capitão América da Segunda Guerra voltam nesta fase, Caveira Vermelha (*Red Skull*, no original), o principal inimigo, Barão Zemo (*Baron Zemo*, no original) e Barão von Strucker (*Baron von Strucker*, no original) Com uma modificação feita pelo roteirista Steve Englehart resolveu outro problema de continuidade do personagem, as aparições nos anos de 1950. Um professor superpatriota descobriu o soro do supersoldado e injetou em si. Atuando como Capitão, teria como ajudante um jovem que seria o Bucky.

Em 2008, a Marvel Studio lança o filme do Homem de Ferro, (*Iron Man*, no original), com base em um projeto audacioso de lançar seus personagens sob o cuidado da editora. Dois anos depois viria Homem de Ferro 2, que seria seguido no ano seguinte por Thor e Capitão América, o primeiro vingador (*Captain America: First Avenger*, no original). O que temos neste filme do Capitão é uma preocupação pulsante de relatar as primeiras aventuras do personagem, da sua criação até o momento do congelamento no ártico, passando por seu principal inimigo e parceiro. Foram feitas alterações, assim como a versão de 1944, mas desta vez, como o objetivo de se narrar a aventura. A modificação mais sentida se refere ao personagem Bucky Barnes, que deixa de ser um adolescente para se tornar um amigo de Steve Rodgers com a mesma idade; O Comando Selvagem (*Howling Commandos*, no original) foi um grupo de soldados comandados pelo Sargento Nick Fury para realizar operações especiais na Segunda Guerra, nas revistas, tanto dos anos de 1940 e nas histórias que saíram nos anos de 1960, no filme, quem reúne o grupo é Rodgers e tem Bucky; Durante o filme a primeira capa da revista do Capitão é citada

no teatro em que busca arrecadar voluntários para guerra e vender os títulos do governo; a criação do Caveira Vermelha, também sofre uma alteração, visto que sua origem está ligada a um desenvolvimento físico e não a um possível soro do super-soldado. A origem do Capitão América esta presente de forma digna, assim como as mudanças no escudo, mas o motivo é alterado, assim como a presença do cientista e empresário Howard Stark, pai de Tony Stark, futuro Homem de Ferro.

Com o sucesso dos filmes da Marvel, em 2012, foi lançado Os Vingadores (*The Avengers*, no original), para depois serem lançados Iron Man 3, Thor: Mundo Sombrio (*Thor: The Dark World*, no original) e por fim Capitão América: O Soldado Invernal (*Captain America: The Winter Soldier*), uma das melhores adaptações já realizadas. As críticas ao filme são em nível reduzido, e voltado para a participação do Caveira Vermelha e o grupo Hydra, o principal inimigo do Capitão América. A Hydra foi uma criação do Barão von Strucker, ao qual no filme aparece como sendo uma criação do Caveira Vermelha, e o que podemos observar é a continuação da ideologia nazista, porém agora voltada para a Hydra. Esta abordagem foge do conceito inicial do Caveira pós fim da Segunda Guerra, ao qual o nazista passa a ser soviético/comunista. Nas aventuras escritas por Ed Brubaker, o Caveira critica duramente o neonazismo e suas vertentes atuais. A origem do Falcão e seu uniforme sofreram alterações, mas estas em um nível menor. A explicação do Bucky ser mais velho, se faz presente neste contexto, pois o soldado teria passado por um processo criogênico para mantê-lo jovem.

Ao conduzir uma adaptação, como dito no começo do artigo, algumas alterações são necessárias, visto que por serem mídias com limitações e linguagens próprias, entretanto, saber mudar e respeitar as limitações e cada mídia faz a diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brubaker, Ed. Epting, Steve. *Capitão América: O soldado invernal* – São Paulo: Panini Livros, 2011.

Cirne, Moacy. *Quadrinhos, Sedução e Paixão* – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

Eisner, Will. *Narrativas Gráficas* – São Paulo: Devir Livraria, 2005.

Eisner, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial* – 3º – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Hobsbawn, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991* – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Howe, Sean. *Marvel Comics: a história secreta* – São Paulo: LeYa, 2013.

Kirby, Jack. Stan, Lee. *Biblioteca Histórica Marvel – Capitão América, Vol. I* - São Paulo: Panini Livros, 2008.

Moya, Álvaro de. *Shazam!* – 3ª edição – São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

Filmes

Capitão América, Direção: Clifton, Elmer. English, John, Gray, Lorna. 1944. 244 min. son. Preto e branco, DVD.

Capitão América: O primeiro vingador, Direção: Johnston, Joe. 2011. 124min. Colorido, Blue-Ray.

Capitão América: O Soldado invernial, Direção: Russo, Anthony. Russo, Joe. 2014. 136 min. Colorido, Blue-Ray.

